
A RENOVAÇÃO DA GEOGRAFIA NA ALEMANHA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Altiva Barbosa da Silva¹
Universidade Federal de Roraima

Resumo

O presente artigo apresenta resultados parciais da dissertação de mestrado: "Do povo sem espaço ao espaço sem povo: Uma análise da *Zeitschrift für Geopolitik*", apresentada ao Departamento de Geografia/USP, em 1996.

Na primeira publicação de resultados parciais desta Dissertação², contextualizamos o surgimento da Revista de Geopolítica, em 1924, analisando o universo eclético de idéias e tendências, vivenciadas pela "crise da ciência" do início do século XX, com o intuito de compreender o surgimento da *Zeitschrift für Geopolitik (ZfG)* - Revista de Geopolítica.

Neste artigo abrimos um parêntese para falar do levantamento de dados da pesquisa como um todo, para então iniciarmos a discussão relativa aos principais debates travados na Geografia, produzida na Alemanha, nas primeiras décadas do século XX. Parte central desta discussão está consubstanciada no debate entre Geografia da Paisagem (*Landschaftskunde*) e Geografia Regional (*Länderkunde*).

Palavras-chave: Geopolítica – Revista de Geopolítica – Geografia Regional – Paisagem Cultural – Paisagem – Região.

Abstract

The present article presents partial results of the master's degree dissertation: "Of the people without space to the space without people: An analysis of the *Zeitschrift für Geopolitik*", presented to the Department of Geography/USP, in 1996.

In the first publication of partial results of this Dissertation, we contemplated on the context of the time in that the Journal of Geopolitical appeared, in 1924, analyzing the eclectic universe of ideas and tendencies, lived by the crisis of the science " of the beginning of the century XX, with the intention of understanding the appearance of the *Zeitschrift für Geopolitik (ZfG)* - Journal of Geopolitical.

In this article we opened a parenthesis to speak of the rising of data of the research as a whole, for then we begin the relative discussion to the principal debates

¹ Doutoranda em Geografia pela USP; Professora Assistente do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Roraima – UFRR.

¹ Vide: <http://www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm>

joined in the Geography, produced in Germany, in the first decades of the century XX. He/she/you leaves central of this discussion it is consolidated in the debate among Geography of the Landscape (*Landschaftskunde*) and Regional Geography (*Länderkunde*).

Key-Word: Geopolitical – Journal of Geopolitical – Regional geography – Cultural landscape – Landscape – Region.

Apresentação

A participação num grupo de estudo sobre a vida e obra de Karl August Wittfogel, orientado pelo professor Dieter Heideman, em 1989, levou-nos a um contato direto com a *Zeitschrift für Geopolitik* (Revista de Geopolítica), publicada na Alemanha, nos anos de 1924 a 1944.

O grupo em questão iniciou a tradução dos textos deste autor intitulados: "*Geopolítica, Materialismo Geográfico e Marxismo*", e; "*As Causas Naturais da História*"³, sendo surpreendido pelo fato de o primeiro texto tratar-se de uma crítica à Geopolítica, cuja síntese fora publicada na *Zeitschrift für Geopolitik*, em 1932.

O primeiro ponto que suscitou interesse pelo estudo desta revista foi a dúvida quanto ao engajamento político de seus colaboradores. Parecia incompreensível que um ativo militante do Partido Comunista Alemão (KPD)⁴, à época, colaborasse com um periódico, que até onde se sabia, era uma espécie de órgão de propaganda nazista⁵. Indagou-se portanto, nesta ocasião, o seguinte:

- Possuía a *Zeitschrift für Geopolitik* (ZfG) espaço para diferentes tendências políticas?
- quais eram seus principais atores?
- que relação existia entre Geografia⁶ e Geopolítica?

³ WITTFOGEL (1929) "Geopolitik, Geographischer Materialismus und Marxismus", e; (1932) "Die Naturlichen Ursachen der Wirtschaftsgeschichte".

⁴ Vide Wittfogel (1992). Seleção de textos da AGB, nº20 ; e ULMEN (1985) "Wittfogel's Science of Society", Telos, 24.

⁵ Esta interpretação decorria da leitura das obras de SODRÉ (1982) *Introdução à Geografia*; CASTRO & CARVALHO (1956) "Geografia Política e Geopolítica"; dentre outras, que seguem a mesma linha de abordagem.

⁶ Normalmente será utilizado neste artigo, o termo amplo Geografia, ao invés de Geografia Política, como é mais freqüente nos estudos desta temática. Isto se deve ao fato de se incluir nesta expressão a Geografia Colonial, Militar, Política entre outras denominações utilizadas na década de 20, na Alemanha. Deve ser

- quais eram os temas debatidos?

Um estágio realizado na Alemanha no período compreendido entre meados de 1991 e 1992, permitiu um levantamento mais acurado desses pontos, inclusive, o contato direto com pesquisadores; acesso a cursos; e a novas pesquisas que abordam essa temática. De fundamental importância foi o acesso aos documentos do "*Archiv für Geographiegeschichte*", do Instituto de Geografia da Universidade de Hamburg, organizado pelos professores Gerard Sandner e Mechtild Rössler⁷.

Na primeira publicação de resultados parciais desta pesquisa - edição de dezembro/2003 da revista eletrônica Estudos Geográficos⁸, descrevemos além das características da ZfG e de sua trajetória, o contexto intelectual da República de Weimar, na Alemanha, para compreender, o modo pelo qual a Geopolítica pode encontrar sua base de sustentação, através da *Lebensphilosophie*. Não houve, no entanto, oportunidade para mostrar os percalços da pesquisa, as fontes existentes à época, e a importância das fontes existentes no Instituto de Geografia da Universidade de Hamburg, bem como em outros locais visitados.

Nesta publicação, temos a preocupação de começar tratando dessas questões, até por entender que o modo pelo qual uma pesquisa é produzida, pode ser relevante, na medida em que informa um possível caminho a ser percorrido por todos aqueles que desejarem enveredar por assuntos de pouco domínio na Geografia brasileira, inclusive pela barreira do idioma.

Por outro lado, neste artigo tentaremos também situar o debate gerado em torno de dois conceitos clássicos da Geografia, que são os conceitos de "Paisagem" e "Região", procurando mostrar a amplitude de acepções que dominava à época, na Alemanha, e o papel central desempenhado por Alfred Hettner nesse contexto, pois este era o painel que se apresentava no momento em que se inaugura a Revista de Geopolítica, objeto do presente artigo.

As fontes utilizadas

Durante minha pesquisa de mestrado, persistiram muitas dúvidas em relação à atuação política dos colaboradores da *Zeitschrift für Geopolitik*, uma vez que grande parte da documentação referente à própria revista desapareceu

esclarecido, no entanto, que esta simplificação faz sentido dentro desta investigação, que não pretendeu ser uma análise exegética desta categoria.

⁷ Foi fundamental o apoio oferecido por esses professores, da Universidade de Hamburg, para a realização desta pesquisa. Agradeço-lhes por todo o material conseguido.

⁸ <http://www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm>

em decorrência da guerra. O que sobrou diz respeito a praticamente um único autor, ou seja: a seu diretor, o general e geógrafo: Karl Haushofer, cujo arquivo, confiscado pelos americanos em 1945, foi trazido de volta à Alemanha em 1961, e se encontra em Koblenz. Outra parte da documentação pessoal de Haushofer, que permaneceu na Alemanha, encontra-se em Hartschimmelhof, cidade onde viveu.

O acesso a parte dessa documentação e a outras que se encontram em bibliotecas alemãs e de outros países, deu-se inicialmente a partir do arquivo visitado em Hamburg, que reúne materiais de arquivos públicos e privados de várias instituições nacionais e internacionais.

O que contribuiu decisivamente para esta pesquisa foram também as teses de doutorado de Karl-Heinz Harbeck: *A "Zeitschrift für Geopolitik-1924-44"*, defendida na Universidade de Bonn, em 1963; e a de Hans-Adolf Jacobsen: *"Karl Haushofer - Leben und Werk"*, defendida na Universidade de Kiel, em 1979.

O grande mérito da tese de Harbeck, deve-se ao fato de ter sido um estudo pioneiro sobre a Revista de Geopolítica, no início da década de 60, ainda porque, tendo como mestres, personagens que vivenciaram as "conturbadas" décadas de 20 a 40, como Hassinger e Ranke, pode juntar depoimentos, que se constituem em material valioso para a reconstrução desse passado que até agora nos intriga⁹.

Harbeck esclareceu no prefácio de sua tese ter se deparado com grandes lacunas nas fontes pesquisadas: "Os documentos de Kurt Vowinkel, fundador, editor, e chefe de redação da ZfG, durante longos anos, assim como, os de Erich Obst, um dos fundadores, e editor até 1931, e de Hermann Lautensach, colaborador durante anos e editor entre 1925-1928, foram perdidos em sua quase totalidade em decorrência da guerra" (HARBECK, 1963:III-IV).

Através de conversas com Heinz Haushofer e da pesquisa no arquivo de seu pai, Harbeck pôde - como afirma - esclarecer certas lacunas importantes que restaram do seu trabalho no arquivo de Koblenz.

Harbeck também entrou em contato com Irmgard Maull, filha de Otto Maull, editor da revista durante os anos de 1925-1931, que lhe forneceu alguns esclarecimentos e apoio à sua dissertação, "no entanto não lhe forneceu nenhum material novo", apenas os artigos de seu pai de 1925-1931, que foram publicados na *Zeitschrift für Geopolitik*.

É importante destacar que Harbeck agradeceu, na introdução de sua tese, às conversas que teve com os professores: Erich Obst e Hermann Lautensach,

⁹ Cabe mencionar que todas as afirmações feitas a partir de depoimentos pessoais foram contrastadas com as fontes existentes.

figuras centrais da revista durante a sua "primeira fase"¹⁰. Quanto a Kurt Vowinkel - o grande articulador da política interna da ZfG, e que aliás continuou a publicá-la, após a guerra: em 1951¹¹ - Harbeck diz apenas "ser conveniente agradecê-lo" pois "em todo caso" conversou com ele.

A outra tese mencionada - a de Jacobsen - representa, por sua vez, a maior fonte bibliográfica sobre a Geopolítica no "período Karl Haushofer", pois, além de importante análise sobre o tema, o autor reuniu, num trabalho de mais de mil páginas, cópia dos principais documentos deixados por este diretor da ZfG. Tendo também realizado entrevistas com personagens que vivenciaram esta história, como Fochler-Hauke¹², importante colaborador da "*Zeitschrift für Geopolitik*", nas "segunda e terceira fases" da revista; Carl Troll¹³, geógrafo muito ativo neste período, e mesmo após a guerra; Fritz Hesse¹⁴, o primeiro chefe de redação da ZfG, dentre outros.

Finalmente, cabe ressaltar que esta investigação tomou como fonte bibliográfica básica, além dos artigos da "Revista de Geopolítica", e do material acima mencionado, as teses de doutorado de Klaus Kost: "*Die*

¹⁰ Considera-se que a *Zeitschrift für Geopolitik* passou por três fases distintas: a primeira de 1924-1931; a segunda até mais ou menos 1937, e; a terceira até 1944, quando foi interrompida. Em outro artigo trataremos mais detalhes da vida e obra dos principais colaboradores desta revista.

¹¹ Peter Schöller foi o geógrafo que mais enfaticamente, após o final da década de 40, preocupou-se com o estudo da Geopolítica, notando que a ZfG, reeditada em 1951, não se distinguia, nos seus traços gerais, de sua antecessora. Como este assunto não será tratado aqui, indica-se os artigos de Schöller (1957, 1959, 1961, 1982, 1989), pela importância para o tratamento desta questão.

¹² É importante lembrar a posterior influência de Fochler-Hauke na América Latina, sobretudo na Argentina, para onde emigrou após a Guerra.

¹³ O texto de Troll: "A Geografia científica na Alemanha no período de 1933-45", publicado no Brasil, em 1950 - que trata da teoria e a prática dos geógrafos alemães durante o Terceiro *Reich* - é um dos mais conhecidos na geografia brasileira sobre este tema, e representa uma tentativa de isentar a academia geográfica de qualquer responsabilidade na política do Nacional Socialismo, sugerindo que todos os abusos da Geopolítica, decorreram do mau uso do termo *Lebensraum* pela "escola liderada por Karl Haushofer". Apesar da vaguidade do texto, acredita-se que tenha sido tomado como paradigmático, e nesse sentido, o problema da Geopolítica ficou, em último caso, restrito à atuação de Karl Haushofer.

¹⁴ Hesse foi um importante colaborador da revista, na sua "primeira fase". Este autor escreveu o texto inaugural da revista, e, de certo modo, lançou as bases do estudo sobre "as leis do espaço". A tradução deste texto, intitulado: "*Das Gesetz der wachsenden Räume*", será publicada oportunamente.

Einflüsse der Geopolitik auf Forschung und Theorie der Politischen Geographie", defendida na Universidade de Bonn, em 1988, e; a de Hans Dietrich-Schultz: *"Die deutschsprachige Geographie von 1800 bis 1970"*, defendida na Universidade de Berlin, em 1980.

Em relação às expectativas deste trabalho, certamente uma série de pontos não foram devidamente esclarecidos. Uma das lacunas refere-se à biografia dos editores da revista, uma vez que foram encontradas poucas menções nos estudos já realizados, mesmo na Alemanha. Isto de fato exigiria uma pesquisa à parte.

Outra expectativa inicial era traduzir alguns ensaios significativos da revista, no entanto, só foi possível a tradução de um texto inaugural da revista, e da "carta-testamento", deixada por Karl Haushofer. A primeira tradução foi imprescindível, por ser uma espécie de "diretrizes teórico-conceituais básicas" da revista; e a segunda, por ter sido a única ocasião em que este general e geógrafo fala de sua própria atuação; de seus vínculos sociais e políticos; das influências intelectuais, e; da catástrofe vivenciada por ele e sua família.

Lembra-se, por fim, que um estudo de uma década do que foi produzida numa revista de amplitude temática imensa, não poderia se esgotar na análise de alguns desses temas e autores, considerados essenciais. Consciente destas limitações, espera-se que esse trabalho possa incentivar outras contribuições, que certamente irão enriquecer as próprias discussões que ora são apresentadas.

A busca da identidade da geografia através dos conceitos de Paisagem e Região

"Il fut un temps où tous les géographes d'Europa écoutaient ce qui leur venait d'Allemagne comme la voix même de la science." (DEMANGEON, 1932)¹⁵

No período compreendido pelo final do século XIX e as duas primeiras décadas deste século, a Geografia encontrava-se mergulhada em profunda crise de identidade. Estava em busca de um objeto particular que a distinguisse das demais disciplinas. Precisava definir com clareza os conceitos com os quais iria lidar, e por fim, para afirmar-se no universo científico, deveria manter-se dentro dos parâmetros teórico-metodológicos aceitos pela ciência, à época dominada pelo Positivismo.

¹⁵ In: *Annales de Géographie*, 41, n° 229, de 15/1/32.

O debate mais importante da Geografia Alemã das duas primeiras décadas do século XX foi travado no interior da ciência geográfica, entre a *Länderkunde* (Geografia Regional), representada por Alfred Hettner, e a *Landschaftskunde* (Geografia da Paisagem), defendida por Siegfried Passarge e Otto Schlüter. Buscando renovar as "bases tradicionais" da Geografia e superar a "crise", que atingia também este campo da ciência, esses geógrafos acabaram criando uma cisão entre os adeptos da "Geografia da Paisagem" e os adeptos da "Geografia Regional".

Tradicionalmente, o que unia as aceções de geógrafos de várias tendências, era o conceito adotado por todos, ou seja, o conceito de "Paisagem" - Landscape, na literatura inglesa, ou *Landschaft*, na literatura alemã - embora possuíssem divergências básicas quanto ao seu conteúdo.

No interior da Revista de Geopolítica, preferiu-se, no entanto, adotar o conceito de *Lebensraum* (espaço vital) para identificar o principal objeto da Geopolítica, sobretudo a partir da década de 30. Parte do grupo de geopolíticos da ZfG possuía até mesmo uma série de restrições quanto ao enquadramento da Geopolítica nos cânones da Geografia, desejando antes, vinculá-la à Ciência Política.

Devemos ressaltar, contudo, as dificuldades encontradas para se definir com rigor os conceitos empregados nessa Revista. Deparou-se, a todo momento, com várias interpretações do mesmo conceito, utilizados, às vezes por um único autor, como é o caso de Karl Haushofer, o diretor da *Zeitschrift für Geopolitik* que possuía várias aceções de fronteiras, estado, nação, povo, autarquia etc.

A identificação e delimitação do objeto singular de uma disciplina eram tarefas das mais complexas para a afirmação no mundo acadêmico. Mais ainda para a Geografia que se defrontava com a questão crucial da dualidade metodológica, na medida em que investigava os dois âmbitos da ciência: o natural e o social, já reconhecidamente distintos pela ciência positivista.

Embora a questão da dualidade geográfica que opõe Homem à Natureza tenha sido bastante debatida pelos geógrafos, não se chegou a um consenso a este respeito. E, esta "indefinição", à época, parecia revelar fraqueza de método, tornando a Geografia susceptível a críticas e ao descrédito (SCHULTZ, 1989:124).

Somente após a consolidação do conceito *Landschaft*, alguns aspectos cruciais da crise que se abatera sobre a Geografia puderam ser solucionados naquele instante, tal como o problema da unidade, ou seja: a consideração de todos os elementos que compõem uma área através de uma análise integradora capaz de sintetizar os elementos naturais e sociais. Neste sentido a noção de totalidade, intrínseca ao conceito de paisagem - e que também pressupõe o vínculo entre todos os elementos visíveis pelo observador -

adaptou-se plenamente à explicação geográfica, sendo então a paisagem considerada como objeto ideal da Geografia.

O conceito de paisagem é originário das primeiras representações de viajantes e pintores que o empregaram para exprimir o quadro abrangente de fenômenos visíveis do globo terrestre. Este objeto foi também o que melhor se ajustou a uma disciplina que, desde o final do século XIX, possuía uma vertente que rechaçava o reducionismo naturalista, pretendendo incluir as faculdades da intuição, da fantasia, da emoção, do subjetivo.

Através da *Landschaft* a Geografia acreditou possuir autonomia em relação às outras ciências, comprovando "*com alívio que daí por diante poderia situar-se num campo que nenhuma outra ciência poderia lhe roubar*". (LAUTENSACH, 1926, apud SCHULTZ, 1980:248)

A paisagem também era "*incontestavelmente um objeto digno, cuja legitimação há muito fora solucionada fora da Geografia*" (SCHULTZ, ibidem), o que de certo modo poupava aos geógrafos a necessidade de fundamentá-lo.

Um dos problemas centrais à sua aceitação definitiva era o fato de apresentar-se como objeto muito abstrato, na medida em que cada pesquisador observando a mesma paisagem poderia chegar a resultados completamente diferentes, e inclusive divergentes.

Ademais, os geógrafos considerados mais tradicionalistas incomodavam-se não apenas com o tipo de abordagem utilizada por alguns de seus colegas para compreender a paisagem, como também com a impossibilidade de se lhe atribuir métodos genéricos, como exigia o rigor científico.

Alguns estudos, dentre eles vários ensaios da *Zeitschrift für Geopolitik*, mencionados a seguir, indicam que a solução encontrada para o não distanciamento dos parâmetros conceituais do pensamento científico da época, ao mesmo tempo em que se incluía na análise categorias da vivência individual, da percepção, do sentimento foi o vínculo ao Historicismo; já que "*para um historicista, as ciências do espírito só são compreensíveis mediante a vivência (...), procurando o contato direto, imediato, total, com o objeto que se quer entender, e utilizando também se necessário, a sensibilidade*". (CAPEL, 1981:316).

De fato, "*a introdução do desenvolvimento histórico como elemento essencial da realidade social de algo, implica a aparição do particular e do singular como objetivo do conhecimento científico*". A afirmação da particularidade e singularidade se deu, porém, através da "escola regional e da paisagem", conferindo legitimação ao método idiográfico da ciência (Ibidem, pág. 318).

¹⁶ Sobre o Historicismo na Geografia, ver por exemplo: Löwy (1991); Capel (1981) e Lencione (1999).

Um dos mais importantes representantes do Historicismo na Geografia e da teoria da região, Alfred Hettner (1859-1941)¹⁷, desejando assegurar teoricamente a unidade da Geografia, argumentou que juntamente ao método idiográfico que consiste no estudo da singularidade, sua verdadeira essência residia no enfoque corológico - ou seja, aquele que se define pelo "estudo explicativo das conexões causais e das relações de fenômenos dentro de uma região particular", bem como no enfoque cronológico e histórico¹⁸ (ESTÉBANEZ, 1983:138).

Tal como a História, a Geografia foi entendida por Hettner como uma ciência idiográfica, mas como ele possuía o rigor científico próprio de sua época, acreditava ser necessário também conciliar o enfoque nomotético (estabelecimento de leis), sobretudo para contemplar o âmbito da Geografia Física.

Este dualismo metodológico pareceu-lhe aceitável, apesar de ter lutado contra o dualismo da disciplina geográfica, no que se refere à separação: Homem/Meio, pois acreditava ser possível empregar os dois enfoques em níveis diferentes de análise: o idiográfico para as realidades singulares, e o nomotético para o conjunto de fenômenos que se repetem na superfície da Terra.

Sua abordagem incluía tanto a perspectiva da Geografia Geral como a da Geografia Regional, reiterando a possibilidade do estudo regional empregar conceitos gerais, pois para o autor os acontecimentos de pequena escala só poderiam ser compreendidos de modo mais amplo, o que significava que tanto o método analítico quanto o sintético poderiam ser usados nas escalas mencionadas.

Opondo-se à consideração da Geografia enquanto estudo das relações homem-meio ou das relações espaciais, Hettner tratou da diferenciação espacial, descrevendo as unidades espaciais, definindo-as e comparando-as entre si. Deste modo, conseguiu fundamentar convincentemente o emprego do método comparativo na Geografia através dos conceitos de diferenciação e associação espaciais. A partir destes pressupostos elaborou sua teoria das regiões; definida pelas características particulares de cada área. Inaugurou também o conceito de essência na Geografia.

¹⁷ O estudo mais significativo da discussão teórica-metodológica da Geografia escrito por Hettner, foi publicado em 1927 sob o título: *Die Geographie. Ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden*. Sobre a vida e obra deste autor vide, por exemplo, PFEIFER (org.) (1960) "Alfred Hettner", e HARTSCHONE (1978) *Propósitos e Natureza da Geografia*.

¹⁸ Segundo Estébanez (1983: 138), "o termo 'corologia' foi empregado pela primeira vez por Richthofen em 1883 para opor-se ao conceito de corografia, ligado à descrição de regiões individuais".

O conceito de essência deve ser compreendido, sobretudo como um contraponto à profusão de estudos que atribuíam função estética à paisagem. Para Hettner a unidade do território não se situava na aparência, mas na essência profunda das regiões, que compreendiam os sistemas geográficos complexos, como por exemplo, os sistemas fluviais ou morfológicos, sendo que suas interrelações definiriam as características essenciais de uma área.

O objetivo do autor era conhecer a particularidade das regiões e dos lugares através da compreensão de sua existência no conjunto do espaço físico, e das inter-relações dos diferentes domínios da realidade, e suas variadas manifestações, entendendo a "*superfície da Terra como um todo, em sua organização natural, quer seja por continentes, regiões maiores ou menores, e ou por lugares*" (HARTSHORNE, 1978:149).

O ápice da reflexão sobre o significado das categorias região, paisagem, essência, aparência, e demais categorias acima mencionadas deu-se logo após a Primeira Guerra Mundial, sendo conhecido, sobretudo, através da rediscussão dos conceitos: *Landschaftkunde* (Geografia da Paisagem) e *Länderkunde* (Geografia Regional).

Além de Hettner, representante da *Länderkunde*, os autores que mais se voltaram à discussão teórico-metodológica da Geografia na Alemanha, vivenciando o mesmo processo de discussão, apesar dos diferentes pontos de vista foram: Siegfried Passarge (1866-1958)¹⁹, defensor da *Landschaftkunde* e seu ferrenho opositor. Em seguida destacaram-se os seguintes autores: Otto Maull, Karl Haushofer, Robert Sieger, Hermann Lautensach, Otto Schlüter, Ewald Banse, Hans Hassinger, Erich Obst, dentre outros.

Para encontrar uma definição consensual em relação à *Länderkunde*, Hettner defrontou-se com muitos de seus colegas que utilizavam esta categoria sem se preocupar com o significado que lhe fora atribuído, sendo que alguns sequer compreenderam sua idéia (SCHULTZ, 1980:124).

Waibel, por exemplo, afirmou que "*a ciência que se ocupa de uma representação universal de diferentes espacialidades da superfície da Terra denomina-se Länderkunde; poderia no entanto ser chamada de Landschaftskunde ou ainda Erdteilkunde*" (Geografia do Continente)²⁰.

Drygalsky, assim como a maioria dos geógrafos que não fizeram qualquer diferença entre *Länderkunde* e *Landschaftskunde* - uma vez que misturaram erroneamente ambas as terminologias - assinalou que "*se existe*

¹⁹Sandner & Rössler (1988) no artigo: *Schriftenverzeichnis von S.Passarge*, mostraram aspectos centrais da vida e obra de Passarge.

²⁰Vide os artigos: Waibel (1928:475-486) *Beitrag zur Landschaftskunde*; e, (1933:198-207) *Was verstehen wir unter Landschaftskunde?*, apud SCHULTZ (1980).

uma diferença entre estas é porque a *Länderkunde* refere-se a espaços maiores²¹.

Uma das controvérsias²² mais significativas a este respeito envolveu a *Länderkunde* de Hettner; a *Landschaftskunde* de Passarge, e; a *Kulturlandschaft* (Paisagem Cultural) de Schlüter (1872-1952), que foi introduzida para reforçar o aspecto histórico e cultural dos estudos geográficos, e opor-se à *Länderkunde* - na visão destes dois últimos mais preocupada com questões políticas, tal como o estabelecimento de fronteiras.

Passarge utilizou o conceito *Landschaftskunde* também para distanciar-se da Geografia que denominava tradicional, e que a seu ver lembrava a *Länderkunde* de Hettner. No entanto, em seus próprios textos a metodologia de Hettner esteve presente, mesmo porque a *Länderkunde* de Hettner, não excluía a noção de paisagem contida na *Landschaftskunde* de Passarge²³.

Passarge queria ao mesmo tempo limitar o conceito *Landschaftskunde* à morfologia da paisagem, preocupando-se com os elementos individuais que a comporiam, como por exemplo: clima, solo, água, plantas, processos culturais etc., e a forma de agrupamento em unidades hierárquicas individualizadas. Eximia-se desta maneira da análise da complexidade social, também atribuída à *Länderkunde* de Hettner.

A paisagem era compreendida por Passarge como imagem e representação, onde atuavam forças complexas, envoltas pela arte; sendo possível, no entanto, enxergar o seu aspecto geral seccionando-a em partes.

Mas, para Hettner a *Landschaftskunde* de Passarge nada mais era que a *Länderkunde* de Ritter e Humboldt: "*nada tem de novo, pois Humboldt já oferecera este quadro primitivo de paisagem*" (HETTNER,1905:545, apud SCHULTZ,1980:131).

Passarge afirmava, no entanto, que a *Landschaftskunde* investigava a relação paisagística de áreas da Terra naturalmente delimitadas, bem como a dependência com o mundo vivo: homens e animais que se incluíam nos distintos tipos de paisagem; a *Länderkunde* investigaria uma determinada área nas suas relações antropológicas, etnológicas, históricas, os fatos casuais, a vida de personalidades etc.

Na verdade Passarge estava utilizando na sua *Landschaftskunde* a divisão proposta por Schlüter entre paisagem natural (*Naturlandschaft*) e paisagem

²¹ DRYGALSKI (1929) *Dynamische Länderkunde*, p.156.

²² Há na literatura geográfica várias menções a esta controvérsia, vide por exemplo Capel (1981); Schultz (1980) e Kost (1988).

²³ Vide as obras de PASSARGE: (1919-21) *Die Grundlagen der Landschaftskunde*; (1921-30) *Vergleichende Landschaftskunde*; (1923) *Die Landschaftskunde der Erde*; (1933) *Einführung in die Landschaftskunde*.

cultural (*Kulturlandschaft*). Segundo esta perspectiva poder-se-ia analisar isoladamente os fatores sociais e naturais. Este tipo de consideração foi fortemente rechaçado por Hettner, pois ele concebia cada região em sua integridade: sem isolar nem privilegiar certos fenômenos em relação a outros.

Passarge acreditava por fim que a *Länderkunde* poderia se deter apenas na investigação dos espaços delimitados artificialmente pelo homem, como por exemplo os estados, já que segundo o seu ponto de vista, a *Landschaftkunde* também integraria outros campos da atuação humana.

Hettner argumentou que a *Landschaftskunde* deveria ser compreendida como a integração de todos os fenômenos em suas essências, e não como estudo da aparência como pretendia Passarge.

Contrariando a noção de essência de Hettner, Schlüter, atribuiu à paisagem função muito mais estética. Para ele a Geografia Humana deveria se voltar ao reconhecimento da forma e da disposição dos fenômenos da superfície da Terra, contanto que fossem perceptíveis pelos sentidos. O método mais adequado a este tipo de estudo seria proveniente da Geomorfologia, já que esta disciplina se ocuparia das formas superficiais (CAPEL, 1983:351).

Esta preocupação com os elementos visíveis da paisagem estimulou Schlüter a criar, em 1905, o conceito *Kulturlandschaft* (paisagem cultural) para circunscrever num âmbito específico as questões sociais, econômicas, políticas, culturais, psicológicas e similares, embora reconhecesse que todas estas categorias tinham influência decisiva na gênese e evolução das paisagens, mesmo porque em seus estudos sobre a evolução das paisagens históricas da Europa Central, utilizava documentos e informações procedentes da Geomorfologia, da História, da Linguística, da Arqueologia etc.

Mas, para que sua proposta fosse melhor compreendida, Schlüter introduziu também os conceitos *Naturlandschaft* (paisagem natural) e *Urlandschaft* (paisagem primitiva), ainda que reconhecendo a dificuldade em distinguí-los²⁴.

A obra de Schlüter²⁵ teve grande influência na Geografia e na *Zeitschrift für Geopolitik*, entre seus adeptos, destaca-se Siegfried Passarge, que utilizou a mesma metodologia para seus estudos de Geografia Física, ampliando-o com as idéias de Davis referentes à evolução geomorfológica. O conceito de

²⁴Vide: Otto SCHLÜTER (1928) *Die analytische Geographie der Kulturlandschaft*.

²⁵In: SCHICK (s/d) "Otto Schlüter 1872-1959" encontram-se informações sobre a vida e as obras de Schlüter.

paisagem Cultural de Schlüter foi empregado também por Lautensach, Schultze, Hans Bobeck, J.Schmithüsen, entre outros.

Cabe mencionar que a preferência pelo conceito *Landschaftskunde*, que se deu na Alemanha no início deste século, demonstrou uma espécie de posicionamento da Geografia frente às demais ciências sociais, tentando superar a aversão provocada pelo estudo descritivo da Terra, associado à *Länderkunde* de Hettner, que sempre induziu ao equívoco de que os geógrafos nada mais faziam do que intrometer-se em campo alheio (SCHULTZ, 1980:127).

Consenso entre os adeptos da *Länderkunde* e os da *Landschaftskunde* foi o fato de considerar que a noção de paisagem englobava tudo o que se constituía em componente físico, perceptível e imediato, e que existiam certos fatores não discerníveis diretamente na paisagem.

Nota-se ainda que muitos geógrafos preferiram adotar a noção de Drygalsky, segundo a qual a distinção entre *Länderkunde* e *Landschaftskunde*, referia-se apenas a uma questão de escala.

Hettner esclareceu a diferença entre as categorias acima da seguinte maneira: a paisagem traduziria as interações entre os distintos elementos físicos e humanos; a região seria compreendida como o reflexo da diferenciação espacial de uma paisagem. Esta explicação não permitiu, no entanto, compreender a dimensão adequada ou o critério para a delimitação da região, deixando aos geógrafos uma das grandes interrogações teórico-metodológicas nunca solucionada.

Com as novas propostas de Hettner, a Geografia pareceu ter abandonado no decorrer dos anos 20 todas as características de imaturidade (GRADMANN,1920:605), e finalmente ter atingido amplo e notório reconhecimento através do conceito de região, como objeto central da pesquisa geográfica ou, conforme as palavras de Maull, ter encontrado "*um porto seguro dentro da ciência*" (MAULL, 1925:33).

Ademais a *Länderkunde* de Hettner também serviu para aglutinar as várias acepções existentes entre os geopolíticos, de uma vez que a *Landschaft* não estava excluída de suas investigações, mas para o autor este não era o objeto da Geografia, e sim as regiões (*Länder*)²⁶.

Deve ser dito também que a obra escrita por Hettner em 1927: "*A Geografia, sua história, sua essência e seus métodos*"²⁷, embora tenha sido

²⁶O radical *LAND* pode ser traduzido de diferentes maneiras: *Erdboden* (solo terrestre); *Grund* (base, solo); *Grundstück* (terreno); planície; superfície; área delimitada por fronteira política; unidade federativa; Província etc. (In: Dicionário Wahrig, 1981:812). No âmbito da Geografia, traduz-se, mais frequentemente por região; assim, a expressão *Länderkunde* é traduzida por Geografia Regional.

²⁷Hettner (1927), op. cit.

amplamente criticada pelos seus colegas, foi neste período, a maior tentativa na Alemanha, de consolidação teórico-metodológica da Geografia, e acabou sendo seu referencial básico, ao mesmo tempo em que ofereceu-lhe uma linha de investigação e assegurou-lhe o lugar no rol das ciências, representando deste modo uma importante transição em seu desenvolvimento.

O próprio Hettner afirmou neste estudo: "(...) *estou convencido de ter colocado um ponto final na questão do método da Geografia, e agora ela está se fortalecendo com as novas contribuições que vão além das minhas intenções e pressuposições*" (HETTNER,1927:341, apud SCHULTZ, 1980:123).

Consideramos, assim, que a ambição intelectual de Hettner deve ser compreendida, antes de tudo, como uma reação às posturas anti-metodológicas dos geógrafos que consideravam este tipo de preocupação inútil, acreditando serem as pesquisas práticas justificáveis por si próprias (SCHULTZ 1980:128).

A falta de atenção com a teoria e a epistemologia geográficas preocupou Hettner, que passa a atacar duramente posturas como a de Banse de substituir a Geografia pela arte, já que este autor nunca escondeu sua inimizade pela Geografia universitária dominante, sendo, inclusive, caracterizado por Hettner como o *enfant terrible* da Geografia (SCHULTZ, 1980:128).

Hettner procurou também desfazer os equívocos de Passarge em opor *Länderkunde* (Geografia Regional) à *Landschaftskunde* (Geografia da Paisagem), alertando para a quebra de unidade da Geografia, em decorrência desta visão.

Incomodava também a Hettner a oposição lógica apontada por muitos geógrafos entre a Geografia Geral e a Geografia Regional.

Mais que tudo, Hettner, apontou o viés naturalizante das concepções de Passarge, Schlüter, Penck e Granö, além de “bater de frente” com o avanço das concepções metafísicas e religiosas de Muris, Spethmann e Volz, e, para finalizar, foi contra a tendência dos geopolíticos de atribuir à Geografia um papel eminentemente prático.

Bibliografia

CAPEL, Horacio. *Filosofia y ciencia en la geografía contemporánea*. Segunda edição, 510 p., ed. Barcanova, Barcelona, 1983.

CARVALHO, Delgado; CASTRO, Teresinha. "Geografia Política e Geopolítica". In.: *Boletim Geográfico*, nº133, Rio de Janeiro, 1956.

DEMANGEON, A. "Géographie Politique". In.: *Annales de Géographie*, vol. XLI, 1932.

- ESTÉBANEZ, José. *Tendencias y problematica actual de la Geografía*. Ed. Cincel, Madrid, 1983.
- HARBECK, Karl-Heinz. *Die Zeitschrift für Geopolitik 1924-1944*. Tese da Universidade de Kiel, 1963.
- HARTSHORNE, Richard. *Propósitos e Natureza da Geografia*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1978. 203 p.
- HEIDEMANN, Dieter.; BARBOSA, Altiva.; ALVES, Glória; GIANSANTI, Roberto. "Wittfogel". In.: *Seleção de textos da AGB*, nº20, traduzido por Alves, G.; Barbosa, A.; Giansanti, R. e Heidemann, D., São Paulo, 1992. [Ed. original 1929].
- JACOBSEN, Hans-Adolf (1979) *Karl Haushofer: Leben und Werk*. Tese da Universidade de Bonn, 1979. 660p.[vol.I] e 615p.[vol.II].
- KORINMAN, Michel. *Quand L'Allemagne pensait le monde*. França: Ed. Fayard, 1990. 412 p.
- KOST, K. *Die Einflüsse der Geopolitik auf Forschung und Theorie der Politischen Geographie von ihren Anfängen bis 1945*. Tese de doutorado do Instituto de Geografia da Universidade de Bonn, nº 76, 1988.
- LENCIONE, S. *Região e Geografia*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- PASSARGE,SIEGFRIED. *Die Grundlagen der Landschaftskunde, vol. I: Beschreibende Landschaftskunde*, Hamburg, 1919.
- _____. *Die Grundlagen der Landschaftskunde, vol. I: Beschreibende Landschaftskunde*, Hamburg, 1919.
- _____. *Die Landschaftsgürtel der Erde. Natur und Kultur*, Breslau, 1923.
- PFEIFER, Gottfried (org.) "Alfred Hettner". In: *Heidelberger Geographische Arbeiten*, caderno 6, 88 p, Ed. Keyzersche Verlagsbuchhandlung, Heidelberg, Munique, 1960.
- RÖSSLER, Mechtild. "Géographie et National-Socialisme". In.: *L'Espace Géographique*, nº1, p. 5-14, Paris, 1988.
- SANDNER, Gerhard "Recent advances in the history of German Geography 1918-1945". In.: *Geographische Zeitschrift*, 76 (2), Franz Steiner, Wiesbaden, 1988.
- SCHLÜTER, Otto (1928) "Die analytische Geographie der Kulturlandschaft". In.: *ZGEB*, edição comemorativa dos 100 anos..., p.388-411.
- SCHÖLLER, Peter. "Wege und Irrwege der Politischen Geographie und Geopolitik". In: *Politische Geographie*. J.Matznetter (org.), p.249-302, Ed. Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1957.
- SCHULTZ, Hans-Dietrich. *Die deutschsprachige Geographie von 1800 bis 1970*. Tese de doutorado do Instituto de Geografia da Universidade de Berlin, 1980.

SILVA, Altiva Barbosa da. "A Geopolítica alemã na República de Weimar: o surgimento da Revista de Geopolítica". In.: *Estudos Geográficos*, Rio Claro 1(2) 1-15, Dezembro – 2003. Revista Eletrônica.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Introdução à Geografia*. Terceira edição, ed. Vozes, 135 p., Rio de Janeiro, 1982.

TROLL, Carl. "A Geografia científica na Alemanha no período de 1933 a 1945". In.: *Boletim Geográfico*, vol.VIII, p.1116-1130, Rio de Janeiro, 1950.